
Imagens de controle na Ginástica Artística feminina: representações na sociedade e na mídia¹

Olívia Pilar²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

RESUMO

Este resumo analisa rastros de representações das atletas da ginástica artística em revisões da literatura e na mídia, entre os anos 2000 e 2023, para compreender como essas mulheres são representadas e quais imagens de controle (Collins, 2019) podem ser inferidas desses rastros. Como metodologia para identificar essas imagens de controle, empregamos a análise de conteúdo através de uma adaptação do recorte da tese de doutoramento. Apreendemos que as ginastas são representadas a partir de alguns tópicos, como lealdade/superação, feminilidade, falhas intra/extra-esportivas etc. Por fim, definimos as imagens de controle que recaem sobre as ginastas em: heroína, padronizada, feminina, única, disciplinada e anti-heroína.

PALAVRAS-CHAVE

Atletas negras; ginástica artística; imagens de controle; interseccionalidade; representações.

Introdução

Este resumo apresenta um recorte de tese de doutoramento que tem como objetivo geral compreender quais são as imagens de controle que atuam sobre as mulheres no esporte brasileiro e como as atletas negras medalhistas olímpicas articulam discursos de resistência a essas imagens. Para fins de adequação ao tamanho proposto, neste trabalho responderemos apenas *quais são as imagens de controle que recaem sobre atletas da ginástica artística brasileira*, a partir de uma revisão de literatura sobre a modalidade em conjunto com uma análise de mídias que noticiaram o esporte entre os anos 2000 e 2023.

Conceituado por Patricia Hill Collins (2019), a perspectiva de imagens de controle entende que algumas representações naturalizam opressões interseccionais (Crenshaw, 1990), de raça, gênero, sexualidade e outras; legitimando a percepção de que é normal e inevitável que grupos marginalizados, especialmente mulheres negras,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: oliviapilar.pesquisa@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

enfrentem variadas injustiças sociais. Nesse sentido, entendemos que as atletas não estão imunes a essas representações.

Rastros das representações sociais e midiáticas

Entendida como esporte de “aptidão, com performance e habilidades em diferentes tipos de equipamentos” (Grafulim et al, 2020, p. 102), a Ginástica Artística (GA) exige rotinas extenuantes de treino (Ferreira Filho et al, 2009). Por esse motivo, há uma exaltação da superação, na qual a lealdade à modalidade, ao país e ao próprio corpo torna-se valor intrínseco. O corpo, inclusive, deve responder a um ideal estético (Neves et al, 2016).

Na mídia televisiva, a GA é enquadrada como espetáculo de feitos extraordinários, ato de nacionalismo e sacrifício (Carvalho, 2007). As consequências desse ideal aparecem nos relatos de medo de falhar (Schiavon, 2009), na pressão pela magreza (Bender, 2018), e na sobrecarga emocional (Stringhini, 2010). Na perspectiva racial, a ascensão de Daiane dos Santos instaurou a lógica do “negro único”, gerando comparações (Bender, 2018).

Nos jornais impressos brasileiros, entre 2000 e 2023, o foco editorial se apresenta em duas linhas: perfis centrados em uma atleta específica e coberturas de eventos esportivos. Nas fotografias, predomina a dualidade “mulher negra × mulher branca”, sobretudo entre 2000 e 2012, com foco em Daiane dos Santos e Daniele Hypólito.

Os textos recorrem com frequência à marcação de gênero e a expressões infantilizantes, mas das 14 matérias em que essa infantilização é nítida, apenas quatro trazem mulheres negras como protagonistas. Outro eixo recorrente é o da superação. Em síntese, quatro traços atravessam as representações da modalidade: (1) a marcação de gênero, (2) a menor infantilização das atletas negras, (3) a exaltação de lealdade e resiliência, e (4) a visibilidade de falhas.

As imagens de controle que atuam sobre ginastas brasileiras

Transpondo a análise da mídia e o arcabouço da revisão de literatura definimos seis imagens de controle, que apresentamos brevemente a seguir. A **ginasta heroína** exige a superação de lesões e dores; e legitima a ideia de que o esporte basta para

vencer problemas estruturais. A **ginasta padronizada** submete o corpo ao ideal magro e “ideal”. A **ginasta feminina** deve exibir elegância e harmonia. A **ginasta única** exalta a presença de uma só atleta pertencente a grupo minorizado, reproduzindo a ideia de “negro único”. A **ginasta disciplinada** é compelida a performar maturidade absoluta; e a ginasta anti-heroína torna-se a personificação do seu erro.

A partir desses achados, consideramos que as representações que atravessam a ginástica artística feminina no Brasil reproduzem opressões interseccionais naturalizadas nas seis imagens de controle identificadas. Tais categorias trazem à tona injustiças sociais que recaem sobre questões de raça, gênero, classe, sexualidade e outros. Cabe ressaltar que na tese de doutoramento aprofundamos o desenho metodológico, discutimos outros arcabouços teóricos e apresentamos mais achados.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BENDER, Natália. **A ginástica artística no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva da atleta Adrian Gomes**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

CARVALHO, Soraya Iida de. **O discurso midiático da ginástica artística**. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stan. L. Rev.**, v. 43, p. 1241, 1990.

FERREIRA FILHO, Raul Alves; NUNOMURA, Myrian; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. Ginástica Artística e estatura: mitos e verdades na sociedade brasileira. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, 5(2). 2009. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1289>. Acesso em: 10 fev. 2024.

GRAFULIM, Luciana; BOM, Francine Costa de; PACHECO, Alexandre; AMBROSIO, Pedro Gabriel; MICHELS, Carolina; FILASTRO, Mariane de Oliveira; SÁ, Guilherme de; STEINER, Elizangela Just; MADEIRA, Kristian. O processo de formação de atletas brasileiras na Ginástica Artística feminina: um estudo bibliométrico. **Arquivos em Movimento (UFRJ. online)**, v. 16, p. 99-120, 2020.

NEVES, Clara Mockdece; MEIRELES, Juliana Fernandes Filgueiras; COSTA, Júlia Loth; PEREIRA, Larissa Cristina Ramos; FERREIRA, Maria Elisa Caputo. Influência da mídia e comportamento alimentar de adolescentes atletas e não atletas de ginástica artística. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, 24(2):129-137, 2016.

NUNOMURA, Myrian; PIRES, Fernanda Regina; CARRARA, Paulo. Análise do treinamento na ginástica artística brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 1, p. 25-40, 2009

PASSOS, Adriano Martins Rodrigues dos; AMGARTEN QUITZAU, Evelise. Tecnologias de sexo/gênero na Ginástica Artística: o processo de diferenciação sexual das argolas, barras assimétricas e mesa salto. **Educ. fis. cienc. [online]**, vol.25, n.2, 2023.

SCHIAVON, Laurita Marconi. **Ginástica Artística feminina e História Oral: a formação desportiva de atletas brasileiras participantes de Jogos Olímpicos (1980-2004)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

STRINGHINI, Sérgio. **Razões da desistência da prática da ginástica artística de atletas de alto rendimento do sexo feminino no Rio Grande do Sul**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.